

“PROFESSORA, TÔ SENTIDO FALTA DA AULA”:
perspectivas de práticas curriculares matemáticas e o sentimento de
pertencimento à EJA no contexto de isolamento social no Ceará

*Francisco Josimar Ricardo Xavier
Adriano Vargas Freias
Maria Cecília Fantinato*

Resumo

Neste artigo objetivamos discutir sobre como a prática curricular matemática de uma professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem desvelado o sentimento de pertencimento dos estudantes à modalidade. As discussões têm como base alguns áudios e imagens, trocados por meio de WhatsApp, entre professora e estudantes, em torno de uma atividade de Matemática, trabalhada de forma remota no período de isolamento social, no segundo semestre de 2020. Analisamos esses materiais a partir de referenciais teóricos do campo da EJA e da Educação Matemática. Dentre os resultados, verificamos que os estudantes têm se mostrados participativos e interessados em resolver as atividades propostas, mantendo assim, contato com a professora. Concluímos que o contexto de isolamento social aflorou um sentimento de carência dos estudantes em relação à escola, que as atividades propostas pela professora, somada às relações de proximidades e afetividade construídas entre ela e os estudantes, influenciam para que eles se sintam pertencente à escola e a EJA.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Pertencimento à EJA; Prática curricular matemática.

"TEACHER, I'M MISSING CLASS":
perspectives of mathematical curriculum practices and the feeling of
belonging to EJA in the context of social isolation in Ceará

Abstract

The article aims to discuss how the mathematical curriculum practice of a teacher of Youth and Adult Education can develop the students' sense of belonging to this type of teaching. Discussions are based on some audio and images. This information was exchanged through WhatsApp, between the teacher and students, around a Mathematics activity. This activity was carried out remotely in the period of social isolation due to the pandemic, in the second half of 2020. We analyzed these materials from theoretical references in the field of EJA and Mathematics Education. Among the results, we found that students have shown themselves to be participative and interested in solving the proposed activities. They kept in touch with the teacher during this period. We conclude that the context of social isolation brought about a feeling of lack of students in relation to the school. The activities proposed by the teacher, added to the relationships of proximity and affection built between her and the students, influence students to feel that they belong to the school and to EJA.

Keywords: Youth and Adult Education; Belonging to EJA; Mathematical curriculum practice.

"MAESTRO, ME FALTO DE CLASE":
perspectivas de las prácticas curriculares matemáticas y el sentimiento de
pertenencia a EJA en el contexto del aislamiento social en Ceará

Resumen

El artículo tiene como objetivo discutir cómo la práctica curricular matemática de un profesor de Educación de Jóvenes y Adultos puede desarrollar el sentido de pertenencia de los estudiantes a este tipo de enseñanza. Las discusiones se basan en audio e imágenes. Esta información se intercambió a través de WhatsApp, entre el profesor y los alumnos, en torno a una actividad de Matemáticas. Esta actividad se realizó de forma remota en el período de aislamiento social por la pandemia, en el segundo semestre de 2020. Analizamos estos materiales a partir de referencias teóricas en el campo de EJA y Educación Matemática. Entre los resultados, encontramos que los estudiantes se han mostrado participativos e interesados en resolver las actividades propuestas. Se mantuvieron en contacto con el maestro durante este período. Concluimos que el contexto de aislamiento social provocó un sentimiento de carencia de alumnos en relación a la escuela. Las actividades propuestas por la profesora, sumadas a las relaciones de proximidad y afecto construidas entre ella y los alumnos, influyen en los alumnos para que se sientan pertenecientes a la escuela y a EJA.

Palabras clave: Educación de jóvenes y adultos; Perteneciente a EJA; Práctica curricular matemática.

INTRODUÇÃO

A modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) vem se construindo em movimentos de “avanços e retrocessos” (BELIZÁRIO; MOURÃO; ALCOFORRADO, 2019, p. 198), seja quanto à sua efetivação como direito subjetivo, à sua inclusão e exclusão em programas educacionais, além da tentativa de sua invisibilização em discussões no campo educacional, principalmente nos últimos dois governos federais. Alguns pesquisadores que a têm como espaço de estudos já indicaram que esses movimentos têm se configurado como parte mesma da história da educação que fora pensada aos jovens, adultos e idosos, no Brasil, especialmente a destinada aos trabalhadores das classes populares. Dentre esses pesquisadores, Ventura e Oliveira (2020, p. 86) sinalizam que uma das implicações dos retrocessos, além de colocar a modalidade em uma posição de subalternização, contribui, atualmente, à consolidação de “uma política de EJA pulverizada”, em que, ao longo de sua existência, surgiram programas e projetos voltados a ela, entretanto, os mesmos apresentaram objetivos por vezes diferentes e desconexos das realidades dos sujeitos e dos meios sociais em que vivem.

Analisamos que, se a realidade da EJA se mostrava para uma tentativa de invisibilização do próprio sentido de modalidade nas discussões no campo da educação em nível de governo, a atual situação de pandemia, em território brasileiro, influenciou em uma redução de turmas, encaminhando para sua iminente desaparecimento (NICODEMOS; SERRA, 2020). Situação esta que, mesmo antes da pandemia, já vinha acontecendo em diversos municípios brasileiros, em um processo que tem sido denominado de “nucleação” (FANTINATO; FREITAS; DIAS, 2020) que seguiria o alinhamento de políticas educacionais nacionais, e resultaria na implementação de políticas educacionais que diminuem a oferta de unidades escolares que oferecem a modalidade EJA presencial, passando a concentrá-la em algumas poucas, muitas vezes distantes dos bairros em que residem os estudantes que buscam esta modalidade de ensino. Em alguns casos, ocorre também a simples substituição da oferta da EJA presencial pela modalidade semi-presencial, ou apenas em Educação à Distância (EAD).

Discutindo acerca dos dados educacionais do contexto pandêmico, Nicodemos e Serra (2020) têm sinalizado um aprofundamento das desigualdades de acesso ao ensino remoto, por parte dos jovens, adultos e idosos, matriculados na EJA. Para os referidos

autores, a gravidade está, sobretudo, em relação a dois fatores: ao escasso acesso às tecnologias da informação, e ao modelo pedagógico remoto, que pressupõe um nível de letramento digital e alfabético dos estudantes para acessarem as plataformas educacionais, o que, por si só, já é excludente, tendo em vista que muitos dos sujeitos frequentam a EJA buscando uma alfabetização. Tal quadro torna-se ainda mais complexo quando a estes estudantes é oferecido, conforme citado anteriormente, a EJA apenas na modalidade EAD.

Em meio a esse quadro agravante de pandemia e isolamento social, alguns professores da EJA, de diferentes maneiras, têm procurado dar assistência aos estudantes de suas turmas, no intuito de incentivá-los a continuarem estudando. Dentre as experiências coletivas positivas que tivemos conhecimento, destacamos, neste artigo, algumas ações que constituem a prática curricular matemática de uma professora da EJA de uma escola pública municipal de Sobral, no estado do Ceará. O contato com essas ações ocorreu através de um momento de socialização no curso “Educação de Jovens e Adultos: saberes, currículos e práticas pedagógicas em Matemática”, em que a referida professora foi cursista e compartilhou suas experiências lecionando Matemática na EJA.

Dessa forma, nos limites deste artigo, objetivamos discutir sobre como a prática curricular matemática de uma professora tem desvelado o sentimento de pertencimento dos estudantes à EJA no contexto de isolamento social no Ceará. Para isso, tecemos considerações a respeito dos diálogos construídos entre a professora e alguns estudantes, em torno de atividades de Matemática, trabalhadas de forma remota, durante o segundo semestre de 2020.

Ao adentrarmos nas discussões, apresentamos a concepção de práticas curriculares matemáticas na EJA que balizam nosso estudo. Em seguida, esclarecemos o percurso metodológico que nos possibilitou elaborar este artigo e destacamos os instrumentos de construção de dados utilizados. Encaminhamos, por fim, nossas análises, em que percebemos relações entre as práticas curriculares matemáticas da professora e o sentimento de pertencimentos dos estudantes à EJA.

PRÁTICAS CURRICULARES MATEMÁTICAS NA EJA

Para analisarmos as práticas curriculares matemáticas na EJA, recorreremos aos resultados da pesquisa desenvolvida em metodologia de estado da arte de Freitas (2013), que após analisar as pesquisas da área da Educação e da Educação Matemática verificou o uso ainda predominante nas aulas de matemática de estratégias basicamente técnicas de ensino e aprendizagem, envolvendo a exposição oral dos conteúdos, seguido de resolução de problemas. Mas, estas práticas podem contar com listas de exercícios como forma de aplicação de técnicas anteriormente apresentadas nas aulas, quase sempre no formato de atividades individuais. Isso pode significar poucos espaços para o diálogo, tanto entre os estudantes, quanto entre estes e os professores.

Freitas (2013) destaca os riscos de assumirmos a educação matemática como forma e incentivo apenas de favorecimento à formação do estudante da EJA para a disputa de melhores vagas no mercado de trabalho. Isso contraria a ideia central de que a educação deve visar especialmente à construção de relações mais solidárias envolvidas em projetos coletivos de melhorias de condições sociais. Além disso, espera-se que as práticas curriculares desenvolvidas nas aulas de matemática na EJA, despertem a autoestima do

estudante, pois é importante considerarmos que o aumento da autoestima pode exercer influência positiva sobre o processamento cognitivo dos conhecimentos matemáticos.

Ainda sobre esta questão da autoestima, importante destacar a verificação de que aqueles estudantes que se utilizam mais da matemática em sua rotina diária, apresentam melhor desempenho nas aulas dessa área, menor receio de errar e maior disposição em aprender. Tais análises podem servir para o incentivo ao professor que além de reconhecer e valorizar as vivências destes indivíduos, consiga incorporá-las em suas práticas curriculares na sala de aula da EJA.

Ainda como resultados desta pesquisa, destacamos a importância de que no desenvolvimento das atividades em matemática, os erros passem a ser considerados como parte da construção do conhecimento do estudante, e não mais como algum tipo de deficiência cognitiva. Além disso, que tais atividades sejam trabalhadas de forma interdisciplinar, buscando sempre apresentar as relações entre a teoria e prática. Mas, especialmente entre o que o aluno está estudando e o seu cotidiano, pois a ênfase no trabalho com fórmulas matemáticas, algoritmos, e outros aspectos numéricos marcadamente mecânicos podem levá-lo a dificuldades de construir as ideias e conceitos matemáticos.

Por fim, destacamos como resultados que dialogam diretamente com as análises que efetuamos neste artigo que as práticas curriculares matemáticas desenvolvidas na EJA devem envolver a aquisição do domínio de habilidades relacionadas ao uso de novas tecnologias, especialmente as digitais. Mas que devem ser compreendidas como um meio e não como finalidade de estudo. Tais estudos facilitariam a aproximação dos estudantes da EJA dos recentes recursos tecnológicos e seus aplicativos, que passaram a fazer parte da rotina pedagógica dos cursos educacionais.

PERCURSO METODOLÓGICO

Os professores da EJA das escolas públicas municipais de Sobral, desde 2017, vêm sendo acompanhados pelo Grupo de Pesquisa Em Educação de Jovens e Adultos (GPEJA), da Universidade Federal Fluminense (UFF). Entre 2017 e 2019, os mesmos participaram de uma pesquisa de Mestrado em Educação e, desde fevereiro de 2020, esse acompanhamento tem contado com a parceria da Secretaria Municipal de Educação de Sobral (SEDUC-Sobral), por meio do curso de extensão “Educação de Jovens e Adultos: saberes, currículos e práticas pedagógicas em Matemática”, onde discutimos, dentre outros pontos, sobre como os mesmos têm construído suas práticas curriculares matemáticas.

No período de isolamento social, por meio de uma rede social, estivemos acompanhando diálogos entre os professores, em que percebemos que eles têm dado continuidade às suas atividades de ensino na EJA, de modo remoto, seja elaborando atividades para os estudantes, ou participando de momentos de estudos, formações continuadas e de cursos. Durante esse acompanhamento percebemos uma preocupação por parte dos mesmos em como elaborar estratégias didáticas que pudessem integrar os estudantes, como estava acontecendo a busca ativa dos estudantes, além da troca de atividades e ideias que pudessem ajudar em seus trabalhos pedagógicos.

Entre as ferramentas utilizadas pelos professores na execução das atividades remotas, percebemos que se destaca o *WhatsApp*, em que são formados grupos para envio de tarefas, explicações rápidas de questões e realização de acompanhamentos dos estudantes. Algumas imagens e diálogos evidenciados em vídeos e áudios, trocados entre uma professora e os estudantes de sua turma de EJA, constituíram os materiais de elaboração deste artigo.

Esclarecemos que outros professores acompanhados no curso de extensão contribuíram com materiais de suas aulas, contudo, no percurso de aprofundamento das discussões desses materiais, alguns informaram estar envolvidos com responsabilidades dadas pelas escolas ou encontravam-se ocupados em momentos de estudos nas formações da SEDUC-Sobral. Uma professora mostrou disponibilidade em continuar discutindo conosco sobre as atividades de Matemática por ela socializada em um dos encontros do curso. Esta professora é um dos sujeitos a que nos referimos nesse artigo.

Nesse sentido, frisamos que o artigo se trata de uma elaboração coletiva, que se utilizou de dados e informações construídos em um grupo de *WhatsApp*, organizado por uma professora, para acompanhar os jovens, adultos e idosos, estudantes de sua turma de EJA. Esses dados e informações compõem-se de imagens e áudios. O contato da professora com os estudantes lhes permitiu construir vários desses materiais, entretanto, aqui analisamos alguns dos áudios trocados entre eles, que tratam sobre duas atividades de Matemática.

Esses materiais foram analisados à luz de estudos do campo da Educação Matemática e da Educação de Jovens e Adultos, que entendem uma potencial influência das relações construídas entre os sujeitos professores e estudantes, para a permanência desses últimos na escola. Para fins deste artigo, trazemos materiais de pesquisa produzidos por uma professora e dois dos estudantes. Prezando pelas identidades dos mesmos, optamos por nos referir aos estudantes com os nomes fictícios de “João” e “Joana”. Já a docente será chamada de “Laura”.

ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS DE CONTATO COM OS ESTUDANTES DA EJA

Conforme indicado, mantivemos contato com os professores da EJA das escolas públicas municipais de Sobral por meio de um grupo de *WhatsApp*. Foi por esta rede social que conversamos com a professora Laura, a qual informou que alguns dos jovens e adultos, estudantes de sua turma têm acesso à internet por meio de celulares que, às vezes, compartilham com filhos. Contudo, os estudantes idosos dispõem de mais dificuldades para este acesso, alguns, inclusive, alegam apresentar dificuldade de visão e, em razão disso, acabam não participando das discussões no grupo da turma. Alguns dos idosos, quando entram em contato com ela, dizem fazer por meio de celular ou qualquer outro aparelho eletrônico de seus filhos, netos ou de pessoas próximas deles.

Laura informou que sua turma é composta em maior parte por idosos que, há pelo menos cinco anos, ela os vem acompanhando, fato este que permite a mesma conhecer bem as histórias de vida de cada um. A professora destacou que a ausência desses idosos no grupo de *WhatsApp* a preocupou, não só no sentido de estarem eles perdendo os acompanhamentos das atividades, mas como estariam os mesmos em questão de saúde, em saber “se pelo menos eles estavam vivos e bem”, como relatou Laura. Isso contribuiu para

que ela pensasse em construir estratégias didáticas e uma prática curricular inclusiva, que considerasse as especificidades dos idosos. Diante dessa realidade, com o apoio da gestão escolar, Laura passou a elaborar e imprimir um material didático contendo atividades, na intenção de possibilitar os estudantes idosos a continuarem seus estudos. O conjunto de atividades ela denominou de “Caderno de Casa”.

Em nossa conversa com Laura, percebemos que ela mostrou-se bem-intencionada ao elaborar as atividades e organizar o material didático: “Eu tenho que fazer alguma coisa para trazer esses alunos de volta”, sinalizou a professora. Entretanto, a mesma não descartou estar preocupada na reação dos estudantes e de seus familiares, pois, a indicação das autoridades de saúde ainda estava em manter um rígido isolamento social, especialmente para idosos. Além disso, mesmo que em algumas escolas estivessem também realizando entrega de materiais e atividades, isso não incluía os estudantes da EJA, em virtude de alguns estarem em uma faixa etária tida então como de risco de contaminação do coronavírus. Um áudio enviado pela professora no grupo de *WhatsApp*, nos permite confirmar sua preocupação em relação às atividades: “Não sei o que vão pensar. Não seria algo para cobrar depois, mas que eles apenas fizessem as atividades”.

A indicação de alguns colegas professores é que Laura poderia, assim como eles, entregar atividades, mas seguindo os protocolos de saúde e prezando pela higienização dos materiais. Logo, a professora precisou criar um plano de entrega desse material. Dessa forma, ela nos explicou que organizou o “Caderno de Casa” de cada estudante em sacos plásticos descartáveis, separando-os por nome e higienizando-os cuidadosamente, e resolveu entregar nas casas dos estudantes idosos que moravam mais próximo à sua casa e que ela sabia não terem acesso à internet.

A PRÁTICA CURRICULAR MATEMÁTICA DA PROFESSORA LAURA

Em diálogo com a professora, ela informou que no “Caderno de Casa” continha atividades de Matemática diferentes, de acordo com o nível de EJA em que os estudantes estavam matriculados: uma para os idosos das turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e outra para os idosos das séries dos Anos Finais do Ensino Fundamental. A primeira era composta de contas de adição e subtração, “era coisa bem simples mesmo”, e a segunda era “mais contextualizada, envolvendo situações que podem acontecer no dia a dia deles”, de acordo com a fala de Laura.

Informamos que não tivemos acesso às atividades elaboradas pela professora. Em áudios gravados por Laura, ela indicou que a primeira atividade foi constituída de “várias contas envolvendo soma e subtração”. Com as contas de soma, ela intencionou que os estudantes idosos compreendessem as mudanças dos numerais “da fila” das Unidades para Dezena e das Dezenas para Centena, entendendo, assim, “o que acontecia com as localizações dos numerais no Resultado”. Já com as contas de subtração, a intenção era que os estudantes compreendessem que “subtrair é retirar uma parte de um total”.

Esclarecemos que, conforme diálogo com Laura, os estudantes idosos que receberam essa primeira atividade se encontram ainda em processo de alfabetização. De acordo com a professora, alguns deles reconhecem as letras, números, a diferenças entre os símbolos matemáticos, chegando mesmo a resolverem contas de duas parcelas. Segundo Laura, quando nas aulas presenciais, esses alunos, mesmo dispendo de algumas

dificuldades, sabiam “resolver algumas continhas, mesmo que demorassem a armar, eles sabiam. Mas tem que ser coisas da vida deles”. Encontramos nessa fala de Laura, algo que é comum nas vivências das salas de aulas de EJA, especialmente em se tratando das questões matemáticas, trata-se do fato de alguns dos estudantes, por apresentarem experiências de vida em que se deparam com situações de “contas”, como, por exemplo, no trabalho ou em atividades laborais, passam a desenvolver seus primeiros contatos com princípios de contagem (XAVIER, 2019). Ao indicar “Mas tem que ser coisas da vida deles”, Laura traz à tona um ponto de discussão também relevante ao ensino de Matemática na EJA, e que diz mais sobre a prática curricular dos professores, qual seja, a necessária elaboração das aulas, bem como de materiais e atividades, que englobem as experiências dos estudantes como um todo, não os reduzindo a pontos de partidas para se iniciar determinados assuntos ou conteúdos matemáticos.

Ao explicar seus objetivos com a elaboração da primeira atividade, reconhecemos uma preocupação da professora em possibilitar aos estudantes idosos um contato com a matemática escolar que, em geral, para eles está relacionada ao fazer contas envolvendo as operações básicas (FONSECA, 2012). Entendemos também que, ao propor as contas de adição e subtração, e explicar seus objetivos com as mesmas, Laura constrói uma ação de reflexão sobre sua prática curricular matemática buscando atingir o que Franco (2016) chama de intencionalidade pedagógica, que, neste caso, seria a compreensão dos estudantes às ações de retirar uma parte de uma quantidade e perceber as alterações nas localizações das posições dos numerais, ao final das operações.

Segundo Franco (2016), o constante movimento de pensar uma intencionalidade pedagógica à ação da prática curricular e o movimento de reflexão sobre esta prática, são indissociáveis ao saber-fazer dos professores, e é o que nos possibilita interpretá-las como sendo práticas curriculares tecidas pedagogicamente para uma finalidade no processo de aprendizagem. Em se tratando da primeira atividade de Matemática, reconhecemos que a aprendizagem intencionada por Laura seria os estudantes reconhecer as implicações das posições dos numerais nas operações soma e subtração. Compreender essas implicações seria, em nossas perspectivas, um ponto inicial de contribuição, por exemplo, para o desenvolvimento de uma alfabetização matemática.

Em se tratando da segunda atividade de Matemática, reiteramos que ela foi pensada para os idosos estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e, portanto, para aqueles que estariam em uma fase posterior a de alfabetização. No diálogo com Laura, ela informou que os idosos que sabiam ler e escrever, eram “poucos, dois da turma toda”, mas “nem por isso é ruim, pelo contrário, eles são exemplos para os outros, né?”. A professora esclareceu-nos que para esses dois idosos ela precisa se “reinventar e ser criativa”, no sentido de elaborar as atividades de Matemática “nem tão fácil, nem tão difícil. Aquela coisa mais balanceada, com questões mais explicativas”. Discorrendo sobre quais seriam suas intenções com essa segunda atividade, Laura indicou ser “resolver problemas matemáticos mais complexos” e, com isso, ela pretendia “entender o que eles percebiam nos problemas de Matemática”, de modo que, a partir dessa percepção, ela passaria a elaborar outros problemas.

Laura foi clara ao informar que já buscou na internet modelos de problemas matemáticos e, às vezes, utilizou questões de atividades utilizadas em anos anteriores, mas que tinha o cuidado de certificar possíveis erros, assim como também, “adaptava ao

contexto” da EJA. Em nossas discussões, percebemos que o “adaptar”, está relacionado em contemplar possíveis situações que pareciam ser “do cotidiano” dos jovens, adultos e idosos, como por exemplo, colocar problemas matemáticos utilizando o sistema monetário, que “seria mais fácil para eles entenderem”, segundo a professora. Ao informar que realizava adaptações nas atividades, percebemos uma preocupação de Laura também com o grupo de idosos que já sabem ler e escrever. Preocupação que nos parece ser a de aprofundar as questões da atividade de Matemática, ampliando de “simples” contas, para os problemas. Entendemos isso como uma referência às atividades que não podem ter seus resultados obtidos “pela simples evocação da memória, mas que exige a elaboração e a execução de um plano” (BRASIL, 2002, p.103) que dialogue com a situação proposta.

Nesse sentido, entendemos que Laura, ao elaborar essa segunda atividade, mostrou-se preocupada em saber como os estudantes idosos resolveriam as questões. Esse “como”, em nosso ver, dialoga com objetivo dessa atividade que, conforme destacado, foi o de “resolver problemas matemáticos mais complexos”. Assim, compreendemos haver uma intencionalidade pedagógica da professora em contribuir para um aprofundamento do processo de alfabetização matemática desses idosos que já sabem ler e escrever e, nesse caso, a atividade proposta possibilitaria também um aprofundamento dos códigos linguísticos associados aos símbolos matemáticos.

Analisamos que Laura mostrou-se imbuída de uma prática curricular matemática com uma finalidade pedagógica de não só contribuir para que os idosos apreendessem os conteúdos matemáticos, mas também os entendessem dentro dos objetivos das atividades. Em nossas perspectivas, estaria ela reconhecendo as diferenças dos estudantes da EJA, bem como seus “interesses, identidades, preocupações, necessidades, expectativas em relação à escola, habilidades, vivências” (DELLAZZANA *et al*, 2008, p. 39), especificidades que somadas às relações de afetividades, precisam ser levadas em consideração quando se pensa na permanência dos jovens, adultos e idosos na escola.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO DOS ESTUDANTES À EJA

Como indicado em tópico anterior, a professora Laura mostrou-se preocupada em como os estudantes entenderiam a ação de ela levar para eles o “Caderno de Casa”. Movida por esse sentimento, a mesma optou por não estipular aos mesmos uma data para que as atividades fossem devolvidas, de modo a deixá-los à vontade. Ela pediu apenas que, ao concluí-las, quem tivessem interesse de receber mais, poderia procurar uma forma de entrar em contato com ela para que pudesse providenciar a atividade.

Em nossa conversa com a professora, a mesma informou estar surpresa com alguns desses estudantes idosos terem dado o que ela se referiu como “retorno positivo das atividades”. Na ocasião, Laura socializou um áudio do estudante João, em que ouvimos os seguintes dizeres: “Professora, tô sentido falta da aula. Já era pra gente tá bem adiantado. Ai com esse negócio agora atrasou tudo pra gente, sabe. Ai a gente sente falta de toda noite lá, as aulazinha da gente, tava bom demais”.

Ao dizer “esse negócio atrasou tudo”, compreendemos que João refere-se à situação de isolamento social e à pandemia. Entendemos que essa fala do estudante sinaliza também um sentimento de carência em relação à escola e às aulas. Segundo Laura, João era

um dos estudantes mais assíduos, “mesmo na chuva ele ia à escola”, relatou a professora. Acreditamos que a EJA e as vivências nas aulas estejam fazendo falta para o referido estudante, pois, em geral, para esses sujeitos, a escola funciona também como um espaço de encontro e de interação. Na perspectiva de Miletto (2009) muitas das experiências vivenciadas pelos estudantes da EJA fora da escola, são por eles socializadas quando em sala de aula, permitindo os mesmos a construírem laços de familiaridades e redes de sociabilidades com seus pares, o que, por sua vez, implica em suas permanências e continuidade dos estudos.

Após esse primeiro áudio, Laura envia uma mensagem para João esclarecendo estar ansiosa também pela volta das aulas presenciais, mas que, no momento, o ideal seria todos ficarem em casa, cuidando de suas saúdes. O estudante a responde com um segundo áudio com os seguintes dizeres: “Ai eu fico sentindo falta né, ai atrasou tudo, né. Pra gente botar tudo em dias tem que ter essas tarefas né. São muito boa elas viu. Se nós tivesse lá nas aulas, nós tava bem adiantado, num era? Num tava?”.

Ao indicar “essas tarefas”, João está se referindo às atividades de Matemática encaminhadas por Laura. A fala do estudante também indica um sentimento de preocupação com os estudos e, possivelmente, com os conteúdos a serem estudados, percebemos isso quando ele diz “Pra gente botar tudo em dias” e “nós tava bem adiantado”. A professora esclarece que João era um dos idosos que sabia escrever o nome, algumas frases e, ainda que pouco, fazia leitura de textos pequenos. “Ele era bem adiantado se comparado com os outros”, informou a mesma. A professora responde João esclarecendo que “sim” estariam bem adiantados e reitera a necessidade de ele ficar em casa.

Analisamos ser comum, em especial entre os estudantes idosos, falas tipo a de João, pois, muitos deles não tiveram acesso à escolarização quando crianças ou adultos, e já na velhice, quando passam a frequentar uma escola, descobrem nesta um espaço de socialização. Para muitos deles, frequentar os bancos da EJA, contribui para suas aprendizagens da leitura, escrita e da Matemática, aquisição estas que os possibilitariam, de acordo com Dias (2020, p. 117), ganhar um “maior respeito dos mais jovens e da sociedade em geral”. É possível que a preocupação de João, venha integrada à sensação de ter perdido tempo em casa, enquanto poderia estar frequentando a escola desenvolvendo mais os seus saberes matemáticos.

Laura recebeu uma mensagem da estudante Joana que, segundo ela, também era participativa e assídua nas aulas presenciais, mas que tinha “sumido faz um tempo, sem deixar rastro”. O áudio de Joana continha os seguintes dizeres: “Dona Laura, minha filha, tô gravando esse áudio pra agradecer por você ter lembrado da gente. As atividades são muito boa. Quero dizer que eu já fiz a minha, a ‘Fulana’ e a ‘Beltrana’ já fizeram também viu. Eu vi que elas fizeram e mandaram eu avisar, viu”.

A fala de Joana é iniciada com uma “Dona Laura”, que entendemos ser empregada em tom de respeito à professora. A estudante continua sua fala em que agradece a professora por ter lembrado dela e “da gente”, talvez se referindo às suas colegas. Em nossa compreensão, a fala apresentada no áudio de Joana retrata uma perspectiva de educação como ação assistencialista, em que devota à benevolência dos professores. Ela traz uma visão de parte dos estudantes da EJA que, em geral, ainda entendem o acesso à

escola como um “favor” ou “uma chance” que lhes foi possibilitada de frequentar, e não um direito. A referida estudante agradece à Laura pelas atividades que, por sinal, ela considera “muito boas”, agradecimento este que se estende à sua lembrança e de seus colegas.

Como últimas considerações, analisamos que a intenção de Laura, ao construir o material didático “Caderno de Casa”, foi alcançada. Nas falas de João e Joana é possível compreender que eles sentiram-se incluídos ou “lembrados” pela professora, e de que a escola está “fazendo falta” mais ainda nesse contexto de isolamento social. Em nossas perspectivas, entendemos que eles gostaram das “tarefas” propostas, possivelmente por gostarem também de frequentar à EJA e da professora, seja pelos acolhimentos, os afetos e as relações construídas neste espaço. São falas que expressam um sentimento de pertencimento (LEMOS; CARMO, 2016) desses sujeitos a um espaço que só agora, na velhice, eles puderam frequentar.

REFERÊNCIAS

- BELIZÁRIO, M. R. J.; MOURÃO, A. R. B.; ALCOFORRADO, J. L. A influência da globalização nas políticas públicas de educação de jovens e adultos. *RIEJA - Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos*, Feira de Santana, v. 2, n. 4, p. 188-202, jul./dez. 2019.
- BRASIL. *Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos*. Segundo Segmento. Ensino Fundamental. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC, 2002.
- DELLAZZANA, A. R. Z. *et al.* A educação de jovens e adultos: uma modalidade de ensino para suplência ou formação integral do indivíduo? *Vidya*, Santa Maria. v. 26, n. 2, p. 33-46, 2008.
- DIAS, J. C. M. “*A gente nunca acha que é demais aprender*”: Educação de Jovens e Adultos: motivações de idosos para buscarem formação escolar em Macaé-RJ. 2020. 161f. Programa de Pós-Graduação em Educação. (Mestrado em Educação), Universidade Federal Fluminense (Faculdade de Educação), Niterói, 2020.
- FANTINATO, M. C.; FREITAS, A.V.; DIAS, J. “Não olha para a cara da gente”: ensino remoto na EJA e processos de invisibilização em contexto de pandemia. *Revista Latinoamericana de Etnomatemática*, 104-124, 2020.
- FONSECA, M. C. F. R. *Educação matemática de jovens e adultos: especificidades, desafios e contribuições*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- FRANCO, M. A. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Rev. Bras. Est. Pedag.* Brasília, v. 97, p. 247, p. 534-551, set./dez, 2016.

FREITAS, A. V. *Educação matemática e Educação de Jovens e Adultos: estado da arte de publicações de periódicos* (2000 a 2010). Doutorado em Educação Matemática. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

LEMOS, S. F. C.; CARMO, G. T. A criação do núcleo de estudos sobre acesso e permanência na Educação: contextos cronológicos e de implantação institucional. In: CARMO, G. T. (Org.). *Sentidos da permanência na educação: o anúncio de uma construção coletiva*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016, p. 19-42.

NICODEMOS, A.; SERRA, L. A educação de jovens e adultos em contexto pandêmico: entre o remoto e a invisibilidade nas políticas curriculares. *Currículo sem Fronteiras*, [On-line], v. 20, n. 3, p. 871-892, set./dez. 2020.

VENURA, J.; OLIVEIRA, F. G. A travessia “do EJA” ao Enceja: será o mercado da educação não formal o novo rumo da EJA no Brasil? *RIEJA - Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos*, Feira de Santana, v. 3, n. 5, p. 80-97, jan./jun. 2020.

XAVIER, F. J. R. *A influência de práticas pedagógicas matemáticas na EJA sobre a permanência de estudantes na zona rural de Sobral*. 2019. 195 f. Programa de Pós-Graduação em Educação. (Mestrado em Educação), Universidade Federal Fluminense (Faculdade de Educação), Niterói, 2019.

Submetido em março de 2021

Aprovado em julho de 2021

Informações do(a)(s) autor(a)(es)

Francisco Josimar Ricardo Xavier
Afiliação institucional: Universidade Federal Fluminense
E-mail: josimar_xavier@id.uff.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6376-2828>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1093846442805585>

Adriano Vargas Freitas
Afiliação institucional: Universidade Federal Fluminense
E-mail: adrianovargas@id.uff.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4602-3473>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3969587952386949>

Maria Cecília Fantinato
Afiliação institucional: Universidade Federal Fluminense
E-mail: mcfantinato@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8344-2071>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8341268660622707>